

A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS NO BRASIL: SIGNIFICADO SOCIAL E MEMES



THE CORONAVIRUS PANDEMIC IN BRAZIL: SOCIAL MEANING AND MEMES

RUAN KELVIN DA SILVA SANTOS

FRANCISCO GOMES DE FREITAS LEITE

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES
RECEBIDO EM 13/05/2021 • APROVADO EM 14/06/2021

Abstract

This paper aims to investigate some social constructions of meanings around terms/expressions associated with the coronavirus pandemic in Brazil, from the analysis of memes published in 2020, still at the beginning of the pandemic. For this, we methodologically opted for the Social History of Language approach, as proposed by Burke and Porter (1993), understanding that meaning is historically situated, mobilized by concrete subjects in their social practices. Moreover, in accordance with the dialogic theory of discourse, we assumed that every utterance appears in the chain of discourse in the form of a particular genre of discourse, which in its form, content and style reflects the social evaluations of these subjects around the object of their discourse. Thus, the massive option of Brazilians for memes, as an appropriate genre of discourse to comment on the issues surrounding the pandemic, seems to reflect the flexibilization of public opinion around some topics historically considered taboo, such as disease and death.

Resumo

Este trabalho objetiva investigar algumas construções sociais de significados em torno de termos/expressões associados à pandemia do coronavírus no Brasil, a partir da análise de memes publicados em 2020, ainda no início da pandemia. Para isso, optou-se metodologicamente pela abordagem da História Social da Linguagem,

conforme proposto por Burke e Porter (1993), entendendo-se que o sentido se situa sócio-historicamente, mobilizado por sujeitos concretos em suas práticas sociais. Além disso, em conformidade com a teoria dialógica do discurso, assumiu-se o pressuposto de que todo enunciado surge na cadeia do discurso sob a forma de um determinado gênero do discurso, que em sua forma, conteúdo e estilo reflete as avaliações sociais desses sujeitos em torno do objeto do seu discurso. Assim, a opção massiva dos brasileiros pelos memes, como gênero de enunciado apropriado para se comentar as problemáticas em torno da pandemia, parece refletir a flexibilização da opinião pública acerca de alguns temas historicamente considerados tabus, como a doença e a morte.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Meme. Pandemic coronavirus. Social History of Language. Dialogical discourse theory.

PALAVRAS-CHAVE: Meme. Pandemia do coronavírus. História Social da Linguagem. Teoria dialógica do discurso.

Texto integral

1 INTRODUÇÃO

O ano de 2020 certamente já está marcado na história recente do século XXI devido às repercussões sanitárias, socioeconômicas e outras mais provenientes das medidas de combate à pandemia do “novo coronavírus” ao redor do mundo. No Brasil, os meios de comunicação, sobretudo a imprensa, enfatizaram a seriedade do problema e a necessidade de prevenção por meio da adoção de diversas práticas envolvendo o distanciamento social a fim de retardar o contágio no país e possibilitar ao poder público estruturar seu sistema de saúde e atender à nova demanda de internações hospitalares. Contudo, apesar da falta de informações/definições científicas sobre a lógica de contágio do vírus e seus impactos sobre a saúde humana, muitos brasileiros reagiram à “pandemia iminente” de forma, no mínimo, inesperada: com bom humor e descontração.

Graças às redes sociais, viu-se uma profusão de textos circulantes no meio social brasileiro a respeito do tema supracitado. Todavia, grande parte deles abordava a pandemia a partir de um tom jocoso, descaracterizando o posicionamento e a atitude coletivos esperados, frustrando principalmente os profissionais da área de saúde e as autoridades públicas. O gênero discursivo escolhido para tal feito não poderia ser outro: o meme, gênero digital altamente eficaz no meio virtual para fazer uma mensagem circular rápida e massivamente.

É a partir desse contexto complexo que este trabalho intenta analisar alguns dos significados sociais atribuídos a alguns termos/expressões associados(as) à pandemia da Covid-19, veiculados(as) por memes publicados nas redes sociais brasileiras no ano de 2020 – mais especificamente aqueles que abordam a atitude dos brasileiros diante do isolamento social e do hábito de higiene pessoal demandados pela condição pandêmica. Para isso, situamos o trabalho na perspectiva da Linguística Histórica lato sensu (SILVA, 2008), ou seja, trabalharemos com dados datados e localizados. Tomamos, como corpus de análise,

memes reproduzidos em páginas do Facebook, em websites e em matérias jornalísticas que destacaram a ampla difusão desses textos em todo país, ainda no início da pandemia, entre março e abril de 2020.

Metodologicamente, optamos pela análise segundo os parâmetros da História Social da Linguagem, como indicado por Burke e Porter (1993). Ademais, compartilhando da perspectiva de Bakhtin (2016), o presente estudo considerará que todo enunciado surge na cadeia comunicativa sob a forma de um determinado gênero do discurso, refletindo as condições específicas e as finalidades do campo da atividade humana na qual emerge.

A interpretação do corpus selecionado, portanto, levará em consideração as relações entre os enunciados, os participantes da interação e suas intenções num determinado contexto sócio-histórico. Os usuários da língua, ao selecionarem determinada forma, tema e estilo para seus enunciados, revelam uma posição socio-valorativa da realidade em que estão circunscritos (BAKHTIN, 2016, p. 47). Tal pressuposto se explicita de forma especial nos termos relacionados a doenças, pois cremos que “diferentes termos de doenças transmitem mensagens morais e metafóricas radicalmente distintas” (PORTER, 1993b, p. 366). Desse modo, consideramos que os termos linguísticos mobilizados em enunciados concretos para se referirem à pandemia e ao coronavírus revelam a dimensão sociocultural do signo, atravessado de valores socialmente construídos.

2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A LINGUÍSTICA HISTÓRICA - AMPLIAÇÃO DE HORIZONTES

Segundo Martelotta (2016), ao longo de todo o século XIX predominaram, em linguística, os estudos de caráter estritamente histórico. Tal perspectiva caracterizava-se, sobretudo, pela metodologia comparatista, impulsionada inicialmente pela abordagem denominada de gramática histórico-comparativa. Ainda segundo Martelotta (2016, p. 47), essa tendência pode ser definida “como uma proposta de comparar elementos gramaticais de línguas de origem comum a fim de detectar a estrutura da língua original da qual elas se desenvolveram”. Assim, na tentativa de reconstituir as filiações históricas entre as línguas nacionais da época e a “língua de Adão” (a hipótese do indo-europeu primitivo), os comparatistas estabeleceram princípios científicos de sistematização das regularidades comuns às diferentes línguas estudadas, abandonando o caráter especulativo das pesquisas linguísticas predominantes até o século anterior (MARTELOTTA, 2016).

Nesse primeiro momento, como decorrência das influências da teoria evolutiva darwiniana, os estudos diacrônicos compreendiam as mudanças linguísticas como resultado de um processo de evolução similar ao dos seres vivos, isto é, as línguas se transformariam porque, tal qual uma planta ou animal, nasceriam, cresceriam, envelheceriam e morreriam (MARTELOTTA, 2016, p. 51). Nesse contexto, importava compreender, por meio de sua história, como as línguas mudavam e quais as suas origens, muito disso sob o pretexto de defesa de teses “nacionalistas” (como a maior pureza e conseqüente superioridade de uma determinada língua nacional em relação às estrangeiras) postas em destaque pelo

movimento romântico iniciado na Alemanha (PORTER, 1993a). Nesse mesmo sentido, Porter (1993a, p. 24) afirma que “os teóricos do século XIX estavam seguros [...] de que as leis do progresso, ao assegurar a sobrevivência do mais forte, garantiam que os senhores da raça humana eram superiores não só física e tecnicamente, mas que eram também os senhores da língua e da literatura”.

Todavia, como constata o próprio Porter (1993a, p. 24), “[...] era sempre mais fácil pontificar sobre línguas superiores do que provar ao mundo que uma determinada língua – a própria – era semântica, gramatical e expressivamente superior”. É justamente por causa dessa falha na proposta dos primeiros comparatistas que surge o movimento dos neogramáticos, cuja proposta de análise das línguas traria uma revisão do método comparatista adotado na primeira metade do século XIX.

Para os neogramáticos, as mudanças nas línguas não teriam a ver com um processo de envelhecimento e deterioração, mas seriam consequência da ação de leis fonéticas específicas, imanentes a uma língua específica num dado espaço geográfico (MARTELOTTA, 2016, p. 51). Essas leis agiriam mecanicamente, independente da vontade dos falantes. No entanto, diante da impossibilidade de explicar todos os fenômenos de mudança apenas a partir de fatores internos à língua, os neogramáticos desenvolveram conceitos como os de analogia e empréstimo, que recorriam a fatores extralinguísticos para explicar as exceções às leis fonéticas (MARTELOTTA, 2016). Assim, os neogramáticos trouxeram, para as pesquisas linguísticas, a ação individual (e, portanto, a fala) e coletiva dos sujeitos como fatores a serem observados nos estudos diacrônicos, embora primassem por explicações de cunho intralinguístico. Dessa forma:

O movimento dos neogramáticos, apesar de muito criticado, acabou por se tornar a proposta predominante na segunda metade do século XIX, tendo o mérito de apresentar as leis fonéticas, que agiam segundo uma necessidade mecânica, independentemente da vontade do indivíduo. Além disso, chamaram a atenção para o fato de que as mudanças ocorrem no indivíduo, que, ao utilizar a língua, efetiva tendências mecânicas, ou as evita, utilizando processos analógicos. [...] Desse modo, os neogramáticos voltam seus interesses não apenas para o estudo dos dados provenientes de documentos escritos, mas também para a observação dos dialetos falados na época. (MARTELOTTA, 2016, p. 52).

Apesar da grande produção de conhecimento sobre a história das línguas, os comparatistas do século XIX não conseguiram explicitar, em suas teorias, as relações entre o uso da língua pelos sujeitos e as situações comunicativas concretas nas quais estavam inseridos, pilar do funcionamento das línguas naturais. Quanto a isso, Martelotta (2016, p. 53) enfatiza que os comparatistas, devido ao foco demasiado na análise das transformações na estrutura interna das línguas, não observaram o funcionamento dos elementos das línguas dentro do sistema linguístico de que faziam parte. Tal fato, segundo o autor, “levou os comparatistas a conclusões precipitadas” (MARTELOTTA, 2016, p. 53) sobre a realidade fundamental da língua:

os falantes se comunicam por meio de línguas mesmo desconhecendo os processos históricos das transformações linguísticas.

Dessa forma, como uma das consequências da influência da tradição comparatista consolidada ao longo do século XIX, os estudos históricos da língua foram orientados à análise dos seus constituintes internos, desconsiderando fatores sociais e culturais que atuam sobre as transformações da língua. Pode-se perceber, portanto, que a linguística histórica, durante muito tempo, foi dominada por uma compreensão estritamente diacrônica dos fatos linguísticos, cuja percepção da história da língua se deu a partir de um ponto de vista eminentemente interno. Sobre isso, Maurer Junior (1967, p. 22) destaca que:

Um grave erro da Linguística Histórica do século XIX e primórdios do século XX foi pretender que ciência da linguagem fosse sempre história das línguas. O conhecimento primordial do que é a linguagem humana só pode provir da observação no momento em que ela está sendo usada, em sua função.

Entendemos, no entanto, que a linguística histórica não se reduz à abordagem diacrônica. Adotamos, pois, o posicionamento de Silva (2008), segundo a qual a linguística histórica pode ser dividida em duas grandes vertentes: a linguística histórica *lato sensu* e a linguística histórica *stricto sensu*. Segundo Silva (2008), tanto a abordagem do tipo *diacrônica associada* (na qual se enquadram os estudos comparatistas supracitados), quanto a do tipo *histórica sócio-histórica* (aqueles que levam em consideração também fatores extralinguísticos) estão dentro do escopo da linguística histórica *stricto sensu*, “[...] que se debruça sobre o que muda e como muda nas línguas ao longo do tempo em que tais línguas são usadas. É essa a tradicional concepção da linguística histórica [no seu sentido estrito]” (SILVA, 2008, p. 09). A linguística histórica, então, *em seu sentido estrito*, preocupa-se fundamentalmente em compreender e explicar as mudanças linguísticas, seja considerando apenas fatores intralinguísticos, seja considerando a relação entre estes e fatores sociais, ou seja, extralinguísticos (SILVA, 2008).

A linguística histórica *lato sensu*, por sua vez, “[...] trabalha com dados datados e localizados, como ocorre em qualquer trabalho de linguística baseada em *corpora*, que, necessariamente são datados e localizados [...]” (SILVA, 2008, p. 09, grifo da autora). Desse modo, considera-se que todo e qualquer fato da língua ocorre à luz da história, cujo decurso traz consigo transformações observáveis – mesmo os estudos sincrônicos são necessariamente históricos, embora não busquem prioritariamente constatar mudanças nas línguas. Entendemos, assim, conforme Coseriu (1979, p. 237-238 apud SILVA, 2008, p. 11), que:

A língua se faz...: é um fazer-se num quadro de permanência e de continuidade... Mas o fato de se manter parcialmente idêntica a si mesma e o fato de incorporar novas tradições é, precisamente, o que assegura sua funcionalidade como língua e seu caráter de

“objeto histórico”. Um objeto histórico só o é, se é, ao mesmo tempo, permanência e sucessão.

Dessa forma, a clássica distinção feita por Saussure entre os estudos sincrônicos e diacrônicos não nega a historicidade dos fatos da língua, mas redireciona o foco da análise da Linguística para a descrição sincrônica: “Saussure admitiu que a análise apenas sincrônica seria uma abstração teórica, idealizada como objeto de estudo, uma vez que estava consciente do movimento das línguas ao longo do tempo” (SILVA, 2008, p. 11). Este trabalho, então, enquadra-se nos limites da linguística histórica *lato sensu*, pois não tem como objetivo analisar transformações históricas de uma dada forma linguística, mas os sentidos de termos e expressões associados à pandemia do coronavírus a partir de um recorte sincrônico, por meio de dados linguísticos datados e localizados.

Nossa orientação metodológica, ademais, enquadra-se nos moldes prescritos pela História Social da Linguagem, já que compreendemos que o uso da língua se entrelaça com questões sociais, históricas e culturais das comunidades que a utilizam. Compartilhamos, pois, do entendimento de Burke (2010, p. 19), segundo o qual, a designação História Social da linguagem:

[...] tem a vantagem de destacar as funções sociais da língua, levando a uma discussão da função da língua na expressão ou construção de uma variedade de relacionamentos sociais, incluindo dominância e subordinação, amizade e fraternidade, tolerância e preconceito, a manutenção e a subversão de uma ordem social, e assim por diante.

Os usos linguísticos de uma dada comunidade revelam posicionamentos individuais e coletivos, normas, preconceitos e outros comportamentos que orientam o surgimento ou desaparecimento de determinados termos e expressões em contextos específicos. Isso significa que “[...] da mesma forma que qualquer comportamento, o linguístico se adapta às normas que refletem a condição social dos envolvidos” (GARRIOCH, 1997, p. 138). A concepção de língua que adotamos, portanto, pressupõe a atuação de comunidades de falantes que constantemente atualizam os sentidos possíveis do sistema da língua que compartilham. Os sujeitos, ao selecionarem determinados termos/enunciados para se referirem à pandemia do coronavírus e aos demais acontecimentos relacionados a ela, consideram seu lugar de fala no interior de uma dada comunidade.

Nesse sentido, em conformidade com Hymes (1993), a noção de comunidade que também ora adotamos não alude à noção de um grupo de indivíduos que partilham uma mesma língua (homogênea), mas que partilham da linguagem verbal como um conjunto de repertórios, como “[...] uma série ou um conjunto de recursos comunicativos [...] com uma adequação e significação social própria” (HYMES, 1993, p. 436). Entendemos, conseqüentemente, que “o termo ‘linguagem’, naturalmente, implica uso e vida social” (HYMES, 1993, p. 433).

Dessa forma, quando indicamos a nossa preocupação com o significado social dos termos associados à pandemia de coronavírus em 2020, apontamos para a compreensão de que o sentido desses termos/expressões se encontra intimamente ligado às circunstâncias sócio-históricas de sua produção e recepção. A análise do *corpus* proposto contribui para a compreensão da percepção social brasileira dos acontecimentos relativos à pandemia, uma vez que linguagem é um indicador sensível dos fatos e das transformações sociais (BURKE, 2010, p. 17).

Nesse mesmo sentido, ressaltamos que a Covid-19, assim como outras doenças, “[...] põe a linguagem inevitavelmente sob tensão” (PORTER, 1993b, p. 365). O seu surgimento no cenário contemporâneo trouxe novamente à tona, de modo particular, a relação imbricada entre língua e vida social. O modo como as coletividades reagem aos impactos de doenças infecciosas gera reflexos que podem ser percebidos na própria dinâmica da comunicação social: termos como “isolamento social”, “distanciamento”, “máscara”, “álcool em gel”, “curva de contágio”, entre outros tornaram-se corriqueiros nas interações verbais mais cotidianas, fosse entre leigos, entre profissionais da saúde ou da administração pública.

Ainda nesse contexto, cabe destacar que diferentes meios de comunicação social abordaram de modo particular os fatos relativos à Covid-19. Se por um lado, o “tom” geral da Imprensa foi de seriedade, temor e cautela quanto à doença, por outro lado, vimos no meio digital, em especial nas redes sociais, uma profusão de textos circulantes que abordavam o mesmo tema sob tonalidades distintas (cooperação, revolta, incredulidade, esperança etc.), e muitas vezes “imprevistas” diante das incertezas sobre o comportamento da Covid-19 no meio social. Entre aquelas que consideramos “inesperadas”, destacamos, neste trabalho, a abordagem cômica da doença por muitos brasileiros, expressa nas redes por meio da publicação de memes, gênero de enunciado muito popular nesse meio, utilizado para viralizar ideias e acontecimentos variados.

Destacamos, com isso, o nosso posicionamento de que os significados sociais dos termos/expressões que nos propomos a analisar circulam por meio de enunciados pertencentes a determinado gênero do discurso (BAKHTIN, 2016). A consideração do gênero do discurso utilizado pelos sujeitos para comentarem os eventos da pandemia traz luzes à compreensão da dinâmica social da comunicação verbal. Tendo isso em vista, esperamos deixar evidente essa inter-relação com o desenvolvimento das seções a seguir.

3 O ENUNCIADO COMO UNIDADE DA COMUNICAÇÃO: O GÊNERO MEME

Após a fundação formal da linguística como ciência, no início do século XX, a partir do Curso de Linguística Geral de Saussure, durante algum tempo houve o predomínio dos estudos cunhados de “estruturalistas”. Seu foco de investigação privilegiava o sistema abstrato da língua e os seus elementos formais, num corte temporal sincrônico, desconsiderando-se aspectos contextuais, como as intenções dos falantes, a situação de interação e aspectos de ordem cultural. Noções como “a arbitrariedade do signo”, a “homogeneidade da língua”, “a oposição conceitual entre

significante e significado” geraram, na tradição estruturalista, uma perspectiva idealizada, pautada no pressuposto da existência de usuários passivos diante do sistema da língua.

Tal postura epistemológica, no entanto, já em meados do século XX, foi amplamente criticada e alvo de revisões importantes. Entre estas, destacamos aqui as contribuições da produção intelectual do Círculo de Bakhtin, que trouxe à tona certas limitações do pensamento saussuriano e explicitou a impossibilidade de dissociar-se o uso da língua de seus sujeitos e do meio social, histórico e cultural no qual estão integrados. É nesse sentido que Volóchinov (2018) afirma que, do ponto de vista dos falantes, a língua não existe como sistema objetivo e homogêneo de normas, a partir do qual os sujeitos reproduzem/registram passivamente “signos arbitrários”:

[...] a língua realmente existe para a consciência subjetiva do falante como um sistema objetivo de formas normativas idênticas e indiscutíveis? [...] Devemos responder negativamente a essa pergunta. [...] Esse sistema é apenas uma abstração, obtida mediante um enorme trabalho realizado com uma certa orientação cognitiva e prática. O sistema é um produto de reflexão sobre a língua, sendo que essa reflexão de modo algum é realizada pela consciência do próprio falante e está longe de visar à fala imediata. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 176-177).

Para a consciência subjetiva dos falantes, interessa, na verdade, a palavra como *signo ideológico*, flexível e ajustável à situação de interação, isto é, a forma linguística revestida de valores sociais e históricos subjacente ao “dizer” e ao “ouvir” (VOLÓCHINOV, 2018). Assim, seja da perspectiva do locutor ou do interlocutor concreto, a palavra sempre é tomada “[...] não como um sinal imóvel e idêntico a si, mas como um signo mutável e flexível” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 178), cujo sentido é atualizado em um dado contexto e deste é indissociável.

O signo verbal (assim como outros signos), portanto, possui laço estreito com a vida social dos sujeitos que o utilizam. Nas atividades discursivas, não reproduzimos palavras como unidades de um sistema objetivo e abstrato, mas cumprimos, fazemos réplicas, comentamos fatos da vida cotidiana, isto é, interagimos com o outro e com a vida por meio da palavra (VOLÓCHINOV, 2018). As formas e usos que fazemos desses signos são orientados para e pelo meio social, pois “[...] todo signo surge entre indivíduos socialmente organizados no processo de sua interação. Portanto, *as formas do signo são condicionadas, antes de tudo, tanto pela organização social desses indivíduos quanto pelas condições mais próximas de sua interação*” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 109, grifo do autor). Desse modo, a comunicação verbal é regida por um “universo de *discursos verbais* multiformes que abarca toda as formas e todos os tipos de criação ideológica estável [...]” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 107, grifo do autor). Isso significa que a comunicação só é possível graças à existência de *formas estabilizadas de discurso*, que permitem aos falantes reconhecerem e produzirem sentidos de acordo com as suas necessidades.

É a partir dessa relação entre sujeitos, língua, contexto (sócio-histórico) e construção de sentidos, que Bakhtin (2016) propõe o enunciado como unidade da comunicação. Segundo o autor, o enunciado é uma unidade de uso concreto da língua, caracterizado, principalmente, por um *acabamento* específico que permite e demanda a *alternância* entre os interlocutores, ou seja, a interação e o diálogo:

Os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela *alternância dos sujeitos do discurso*, ou seja, pela alternância dos falantes. Todo enunciado [...] tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto; antes do seu início, os enunciados dos outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros [...]. O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, delimitada com precisão pela alternância dos sujeitos do discurso e que termina com a transmissão da palavra ao outro [...]. (BAKHTIN, 2016, p. 29, grifo do autor).

Na comunicação humana, os signos, então, são sempre mobilizados na qualidade de enunciado: os sujeitos se utilizam dos recursos da língua para o estabelecimento de relações dialógicas reais, responsivas com os seus pares, sejam estes concretos ou virtuais. Desse modo, “um enunciado, para Bakhtin, é um dito (ou escrito, ou mesmo pensado) concreto e único, ‘irrepetível’, que gera significação e se vale da língua/linguagem para sua materialização, constituindo o discurso” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 17). Esse processo comunicativo, por sua vez, é regulado por *formas relativamente estáveis de enunciados*, que *refletem e refratam* as condições de sua produção e circulação, ou seja, é regulado pelos *gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2016). O emprego da língua, portanto, depende do domínio dos gêneros; na verdade, aprendemos a língua por meio deles (BAKHTIN, 2016).

Partindo, então, dessa compreensão bakhtiniana de funcionamento do discurso, consideramos que todo enunciado surge vinculado a um campo da atividade humana, sob a forma de um dado gênero do discurso, dotado de forma composicional, estilo e conteúdo temático específicos, relativamente estabilizados (BAKHTIN, 2016). Isto quer dizer que, apesar da contínua e ininterrupta evolução desses gêneros, eles sempre são reconhecíveis pelos usuários da língua, funcionando como “correias de transmissão entre a história e a língua”, afinal, nenhum sujeito do discurso é o “primeiro falante”, todo *dixi* supõe também o uso de enunciados anteriores e alheios: “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2016, p. 26). Logo, “os gêneros são constituídos historicamente, usados e experimentados socialmente, tendo existência na vida social [...]. [Eles] são formas de dizer, de enunciar, de discursar tramadas pela história de uma sociedade, de uma cultura e que nela circulam nos saberes das pessoas” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 28).

Tendo em vista esse pressuposto bakhtiniano, entendemos que a escolha de um determinado gênero do discurso reflete, também, as intenções e perspectivas

que os sujeitos tentam colocar “em jogo” na interação discursiva, assim como reflete o próprio lugar dessa interação. É nesse sentido que adotamos a compreensão de que o *corpus* analisado neste trabalho é constituído de exemplares de enunciados usados por sujeitos concretos, em situações reais de interação, com propósitos e avaliações sociais latentes. Disso decorre a necessidade de identificar e situar o meme (parte integrante do nosso objeto de estudo) como gênero de enunciado vinculado a um dado campo da atividade humana, uma vez que, como já destacado:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2016, p. 11-12).

O meme, assim como outros gêneros, surge na cadeia de enunciados como parte integrante de uma determinada esfera/campo da comunicação humana, na qual desempenha funções específicas e relaciona, também de modo específico, os interlocutores participantes da interação, refletindo suas intenções, desejos, posições sociais etc. (BAKHTIN, 2016). Nesse mesmo sentido, Rojo e Barbosa (2015, p. 77-78, grifo das autoras) destacam que “[...] [as] *apreciações valorativas* – sobre o *tema do enunciado* e sobre os *parceiros da enunciação* – são, na visão de Bakhtin, o elemento mais importante para a *vontade enunciativa* ou o *querer-dizer* do falante ou locutor e determinam a escolha do gênero [...]”. Desse modo, a própria escolha do gênero, no interior da esfera de comunicação na qual ocorre a interação, evidencia um *projeto de dizer* estabelecido pelos sujeitos.

O meme, portanto, circula socialmente investido de valores por seus usuários, que por meio dele buscam concretizar seus propósitos discursivos. Entendemos, dessa forma, que “os memes constituem um gênero discursivo, ou seja, uma realização na vida propiciada e ‘nascida’ pela relação entre o sujeito e sua esfera, em determinada espaço-temporalidade de produção” (LARA, 2017, p. 227). Em razão disso, compreendemos o meme como um gênero nativo do meio digital (GERRA; BOTTA, 2018) – com presença expressiva nas redes sociais –, voltado principalmente à construção de discursos humorísticos/satíricos. Isso significa que o gênero meme tem “[...] como arquitetura fundamental a produção de humor” (LARA, 2017, p. 228). Além disso, como reflexo/possibilidade do próprio ambiente no qual circulam (as mídias digitais), os memes são constituídos, em sua maioria, por distintas semioses integradas ao todo orgânico do enunciado. Nessa mesma perspectiva, Lara (2017, p. 228-229) destaca que:

A forma composicional estável de um meme revela-se por meio de uma imagem, em forma quadrangular ou retangular (podendo ser seccionada em quadros), com texto verbal sobreposto (podendo

ser em português ou em outra língua), organizado de forma binária na parte superior e inferior da imagem (sendo na inferior, geralmente, o enunciado “inesperado”, que produz humor), o que o caracteriza como um enunciado verbo-visual [...].

O meme “surge”, então, no meio digital, como gênero essencialmente multissemiótico, mobilizado pelos sujeitos do discurso com o intuito de produzir humor. Humor este produzido de modo bem específico: normalmente por meio de imagens estáticas associadas a textos verbais breves, próximos aos padrões estilísticos da modalidade oral. Além disso, “o estilo do meme também é constituído, muitas vezes, por citação e paródia, ou seja, em diálogo com outros textos e outras imagens, podendo citá-los de forma direta ou indireta, ressignificando-os em um novo acontecimento” (LARA, 2017, p. 229).

Sua forma e estilo, por sua vez, estão atrelados a conteúdos temáticos variados – relacionamentos interpessoais, economia, política, estética, educação, costumes etc. Essa flexibilidade temática, inclusive, permite uma grande difusão do meme entre variadas classes sociais e entre distintos perfis de sujeitos, tornando-o um dos gêneros discursivos digitais mais “plásticos” da modernidade. No entanto, o seu desenvolvimento temático encontra regularidade na sua abordagem cômica dos fatos colocados em destaque nas mídias digitais, geralmente “[...] relacionados com algum acontecimento recente ou que está ‘viralizado’, o que revela que a ‘vida’ e a produção de sentidos de um meme são temporárias, podendo variar entre semanas, meses ou mesmo horas [...]” (LARA, 2017, p. 229). Apesar disso, não é incomum que os usuários da rede se apropriem de memes já circulantes ou produzam novos para ressignificar (comicamente) acontecimentos de fórum íntimo/privado colocados em público nas redes sociais.

Os indivíduos, então, nas suas interações virtuais/on-line, escolhem o gênero meme como parte de uma estratégia de engajamento e atuação social nas redes, dirigida, sobretudo, à subversão do tratamento dado a temas considerados “sérios” em outras esferas de circulação/campos de atividade (científica, jornalística, política etc.) e conseqüentemente, em outras condições de interação. Conteúdos temáticos relativos à saúde e à segurança pública, por exemplo, que comumente demandam uma *posição valorativa* marcada pela seriedade e pelo compromisso (responsabilidade) da parte dos interactantes, são abordados a partir de um tom jocoso e descompromissado, quando integrados a enunciados sob a forma de memes.

Na verdade, ao se depararem com um meme, os sujeitos não esperam outro tratamento temático que não seja o cômico, e, portanto, subversivo em relação aos padrões morais e culturais dominantes. Este é o caso do *corpus* selecionado para nossa investigação: termos/expressões associados à pandemia do coronavírus são revestidos de novas significações (subvertidas) ao serem integrados a memes por usuários das redes sociais, refletindo, também, a *posição valorativa* desses sujeitos a respeito da própria pandemia e das suas conseqüências na vida pública e privada.

Na próxima seção, destacamos, por meio da análise do *corpus* proposto, que os significados sociais dos termos/expressões associados à pandemia do coronavírus ganham novos sentidos (até certo ponto inesperados) ao circularem nas redes sociais mediante o gênero meme – elegido por muitos usuários como

forma de encarar, de modo descontraído, os impactos da pandemia. Diferente do que acontecia nos séculos passados, vemos que palavras como “vírus” e “pandemia” não exercem mais tanto temor (ao menos a um nível aparente) a muitos sujeitos da “pós-modernidade”, tampouco os inibiram da produção em massa de enunciados tragicômicos sobre uma doença ainda em circulação em todo o mundo, para a qual não havia sequer previsão de vacina até o segundo semestre de 2020.

Assim, compreendemos que a ampla circulação de memes nas redes sociais abordando a temática da pandemia revela uma nova postura do meio social brasileiro diante de temas vinculados à saúde pública, cuja seriedade, no passado, raramente seria contestada, ao menos não publicamente. Se até meados do século XX, a opinião pública primava por certa polidez no tratamento de matérias diretamente relacionadas a questões de vida ou morte, vimos no ano de 2020 uma flexibilização dessas possibilidades de abordagem.

Os memes são apenas um dos índices dessa postura, que vem ganhando espaço e sendo reforçada nas redes sociais. O meme, portanto, pode nos indicar uma crescente e generalizada atitude tragicômica dos brasileiros diante da vida e das suas dificuldades: o humor surge (ressurge?) como estratégia de enfrentamento dessas dificuldades e, também, como reflexo da liberdade de expressão (quase irrestrita) característica das redes sociais. Mais uma vez, os estudos da linguagem podem contribuir para a construção de uma compreensão mais refinada do próprio funcionamento da sociedade que a utiliza.

4 O SIGNIFICADO SOCIAL DE TERMOS/EXPRESSÕES ASSOCIADOS(AS) À PANDEMIA DO CORONAVÍRUS: UMA ANÁLISE DE ENUNCIADOS SOB A FORMA DO GÊNERO MEME

Para Volóchinov (2018), na língua, o processo de produção de sentidos funciona pautado no movimento dialético e contínuo entre o significado estável das formas linguísticas e sua atualização no contexto em que emergem como enunciado, mobilizado por sujeitos concretos no interior de um dado campo da atividade humana. A forma linguística, quando trazida à tona pelos falantes, é revestida de valores sociais e situacionais que orientam o novo sentido assumido por ela. Sentido este único e irrepetível, pois nasce das condições específicas de interação na qual surgiu, configurando o *signo ideológico* como material básico da comunicação verbal, isto é, do enunciado como unidade comunicativa (VOLÓCHINOV, 2018).

Desse modo, em conformidade com Volóchinov (2018), fazemos a distinção entre *significado*¹ e *tema* do enunciado. Segundo o autor, “*o tema é um complexo sistema dinâmico de signos que tenta se adequar ao momento concreto da formação. O tema é uma reação da consciência em constituição à formação da existência*”

1 Entendemos, com base nas notas de tradução de Grillo e Américo (2018), que Volóchinov se utiliza algumas vezes do termo “significação” para se referir ao conceito de significado segundo a compreensão de Saussure sobre a constituição do signo linguístico, dado que o Curso de Linguística Geral ainda não havia sido traduzido para o russo no momento em que foi escrito *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Desse modo, preferimos o termo “significado” para designar os aspectos repetíveis das formas linguísticas, conforme Volóchinov define por meio do termo “significação”.

(VOLÓCHINOV, 2018, p. 229, grifo do autor). O tema do enunciado não diz respeito apenas aos fatores linguísticos estáveis da interação verbal, mas também ao complexo conjunto de fatores situacionais sem os quais o enunciado seria incompreensível, o que o torna concreto nos limites do contexto no qual surge (VOLÓCHINOV 2018). Assim, “o enunciado só possui um tema ao ser considerado um fenômeno histórico em toda a sua plenitude concreta. É isso que constitui o tema do enunciado” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 228, grifo do autor).

Os sujeitos, então, ao mobilizarem os recursos da língua na produção e recepção dos enunciados, considerarão também aspectos extraverbais para “calcular” os sentidos propostos. No entanto, “o enunciado possui também a *significação* [significado]. Ao contrário do tema, entendemos a *significação* como aqueles aspectos do enunciado que são *repetíveis e idênticos a si mesmos em todas as ocorrências*” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 228, grifo do autor). Isso quer dizer, como apontado pelo próprio autor, que a língua possui um momento de sinalização (referenciação) constitutivo de todo ato de linguagem, possível graças à relativa estabilidade dos significados das formas linguísticas, compartilhados historicamente por uma comunidade de falantes, permitindo a comunicação entre eles. Contudo, “[...] é claro, em sua forma convencional isolada, esses aspectos são abstratos e não possuem uma existência concreta, mas, ao mesmo tempo, são parte inseparável e necessária do enunciado” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 228-229).

Significado e tema, assim, não podem ser dissociados do todo orgânico do enunciado (VOLÓCHINOV, 2018). Na verdade, apenas apontamos para essa distinção porque a análise do significado social de termos/expressões relacionadas à pandemia da Covid-19 depende tanto da interpretação dos significados socio-historicamente construídos, relativamente estabilizados, quanto da interpretação da atualização desses significados em circunstâncias concretas de enunciação, isto é, do tema dos enunciados. Dessa forma:

Evidentemente, é impossível traçar um limite absoluto e mecânico entre o tema e a *significação* [significado]. Não há tema sem *significação*, como não há *significação* sem tema. Mais do que isso, não é possível nem mostrar a *significação* de alguma palavra isolada (por exemplo, no processo de ensino de uma língua estrangeira para outra pessoa) sem torná-la um elemento do tema, isto é, sem construir um enunciado – “exemplo”. Por outro lado, o tema deve apoiar-se em alguma *significação* estável, caso contrário ele perderá a sua conexão com aquilo que veio antes e que veio depois, ou seja, perderá totalmente o seu sentido. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 229).

O sentido, portanto, reside na relação dialética entre significado e tema. É a partir dessa consideração que julgamos necessário, inicialmente, explanar algumas definições “oficiais” dos termos “Covid-19” e “coronavírus”, usados indistintamente pela maioria da população para se referir à doença respiratória causadora da pandemia (além de outros termos deles derivados, como “novo coronavírus” e “o/a covid”). Segundo matéria publicada na página do *Instituto Federal de Educação*,

Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais (2020, não paginado), do ponto de vista normativo, é necessário distinguir o “significado” e “uso” desses termos:

O coronavírus causa a covid-19. Sim, a forma correta de dizer é “o coronavírus” e “a covid-19”. Isto porque o uso da palavra “coronavírus” é precedido pelo artigo masculino, já que se trata também de um termo masculino e refere-se a um vírus. Já o uso do termo “Covid-19” é precedido pelo artigo feminino, uma vez que se trata do nome da doença causada pelo vírus. Refere-se, portanto, ao acometimento causado pelo vírus.

Nesse mesmo sentido, segundo o site da *Agência Nacional de Vigilância Sanitária* (Anvisa), o “número 19” remete ao ano da descoberta da doença – 2019, na China, quando se identificou um novo tipo de coronavírus. Disso resulta o uso da expressão “novo coronavírus” para também se referir à doença:

O novo coronavírus é assim chamado pois não havia sido identificado anteriormente, sendo descoberto em 31/12/2019, após casos registrados na China. Os coronavírus são uma grande família de vírus que podem causar doenças em humanos ou em animais. O diagnóstico do novo coronavírus causador da doença Covid-19 não é igual ao diagnóstico dos coronavírus que comumente circulam entre humanos e que causam doenças leves a moderadas como o resfriado comum. (ANVISA, 2020, não paginado).

Do ponto de vista normativo e das Instituições, então, o termo Covid-19 designa a doença causada por um tipo de vírus pertencente à família dos coronavírus, especificamente o *Sars-CoV-2* – nome científico dado ao novo coronavírus devido às suas semelhanças com outro vírus dessa mesma família, o *Sars-CoV* (FIOCRUZ, 2020). No entanto, como já colocado, o uso do termo Covid-19 e de outros termos associados à pandemia não se restringiu à área da saúde.

A doença ganhou destaque no cotidiano do público leigo a partir do momento em que a sua proliferação foi reconhecida como pandêmica pela Organização Mundial da Saúde (OMS), isto é, quando o contágio atingia proporções globais. Naturalmente, por causa da gravidade da pandemia, os meios de comunicação produziram e disseminaram informação em massa sobre a doença à medida em que as pesquisas científicas revelavam as características e o funcionamento da Covid-19, assim como os meios de prevenção ao contágio, com destaque para as medidas de higiene e de distanciamento social adotadas como protocolos pela maioria dos países, inclusive pelo Brasil, sobre as quais o nosso foco de análise incidirá.

Devido também a esse contexto de ampla difusão de informações sobre a pandemia ao longo da maior parte do ano de 2020, termos e expressões comumente de uso mais restrito à área da saúde e/ou da administração pública (nas suas produções de enunciados voltados também à proteção da saúde individual e

coletiva) tornaram-se corriqueiros. Termos e expressões como “higienização das mãos”, “álcool em gel”, “uso obrigatório de máscaras”, “quarentena” e outros ganharam novas conotações após os impactos da pandemia. Isto, sobretudo, em redes sociais como o Facebook e o Instagram, nas quais os indivíduos também se expressam criativamente, mas com característico sentimento de liberdade e de segurança em relação ao que dizem/postam em suas páginas pessoais – na “ilusão” de proteção de qualquer represália, diante da qual, caso surja, bastaria apenas “desconectar-se” ou “deletar” o dito (BAUMAN, 2009).

Justamente nesse contexto de liberdade e de trocas instantâneas características da interação via redes sociais, chamou-nos atenção especial a presença desses termos/expressões em enunciados cujo tratamento temático denunciava uma atitude divergente em relação aos padrões morais e culturais dominantes. Em vez de uma “polidez” fruto do temor e do receio diante da Covid-19, viu-se uma profusão de memes abordando a doença e suas consequências sob um viés cômico, destoando do tom “oficial” da abordagem típica da Imprensa e do Estado. Nesse sentido, os dois memes a seguir ilustram muito bem a postura cômica adotada nas redes sociais por muitos brasileiros em relação à pandemia:

Figura 01 – Meme satirizando a conduta cômica dos brasileiros frente à Covid-19.



Fonte:

https://www.reddit.com/r/nhaa/comments/gst9rw/corona_virusa_brasileiroproduzir_mais_memes/
. Acesso em: 15 nov. 2020.

Figura 02 – Meme satirizando as aglomerações dos brasileiros durante a pandemia.

EMPRESAS E ESCOLAS SUSPENDEM ATIVIDADES POR CAUSA DO CORONAVIRUS

BRASILEIROS:



Fonte:

<https://www.ibahia.com/brasil/detalhe/noticia/internet-explode-em-memes-em-razao-da-pandemia-do-coronavirus-veja/>. Acesso em 07 nov. 2020.

Na figura 01, temos um meme que satiriza a reação “inesperada” dos brasileiros com relação à pandemia. Por meio da metalinguagem e da colaboração orgânica entre semiose verbal e não verbal, o meme nos apresenta, inicialmente, uma frase que atua como título ou legenda de apoio para a interpretação do enunciado, ressaltando a conduta inadequada dos brasileiros de produzir memes em vez de agir concretamente no combate à doença. Isso por meio de uma linguagem marcadamente informal, típica de situações não monitoradas (caso das redes sociais), refletindo o tom “despojado” que permeia o meme como gênero do discurso e o ambiente no qual circula, o que resulta na evidente despreocupação com aspectos de ordem normativa: questões de ortografia (“preocupar” em vez de preocupar), de acentuação (“coronavirus” em vez de coronavírus), de regência (“ao invés se” em vez de ao invés de...) etc. ficam em segundo plano.

Em seguida, apresenta-se o coronavírus personificado – evidenciado por intermédio de texto imagético, no qual um rosto humano é sobreposto (por meio de técnicas de edição de imagem) a uma ilustração do que seria a forma virtual do coronavírus –, cuja expressão facial aponta para a desaprovação da reação cômica dos brasileiros, ironicamente partindo do próprio vírus. Tal desaprovação ainda é reforçada pelo texto verbal que serve de fala ao personagem: “eu sou uma piada pra vocês?”, uma pergunta meramente retórica no contexto em que foi colocada: afinal, é um meme comentando o hábito brasileiro de produzir memes, independente da gravidade da situação.

Na figura 02, por sua vez, o meme se divide em duas legendas. Na primeira, apresenta-se uma tentativa de reprodução/simulação de uma “manchete” jornalística (indicada pelo sinal *, na função de aspas, fazendo referência ao discurso direto), cujo texto verbal ressalta o impacto negativo da pandemia sobre a economia e sobre a educação no Brasil, a ponto desses setores encerrarem suas atividades –

fato realmente noticiado de vários modos por toda a imprensa brasileira. Normalmente, o conteúdo da manchete pressuporia um cenário de atenção e de preocupação social generalizada, tendo-se em vista que atividades essenciais como as relacionadas ao comércio e às escolas ficaram impedidas de funcionar. Todavia, já na própria “manchete” nos deparamos com um tom irônico e jocoso diante da situação: a referência ao vírus causador da Covid-19 se dá por meio do termo “coronga”, variação amplamente usada nas redes sociais para se fazer alusão cômica ao coronavírus.

O tom cômico do meme se confirma logo após a legenda de abertura, quando somos apresentados a uma nova, colocada em oposição à primeira: o adjetivo pátrio “brasileiros”, seguido de um texto imagético (uma fotografia) ilustrando uma praia extremamente lotada. A partir da oposição das duas legendas, pode-se inferir uma crítica ao comportamento de muitos brasileiros ao longo da pandemia, sobretudo em seu início, quando o encerramento de atividades essenciais serviu a muitos como pretexto para ampliar momentos de lazer, mas inapropriados para a situação, como ir à praia, praças e outros locais públicos propícios à aglomeração. Fato este que, por sua vez, desvirtuava a finalidade do fechamento de escolas e empresas: evitar as aglomerações e, portanto, diminuir os índices de contágio pela Covid-19. O meme, então, “acusa” a conduta perigosa dos brasileiros que subestimavam a gravidade da pandemia, causando aglomerações para fins de lazer.

Essa postura cômica se verifica em uma infinidade de abordagens sobre a pandemia por intermédio de memes produzidos e compartilhados nas redes durante o ano de 2020. Dentre estes, devido aos limites deste artigo, destacaremos apenas dois tipos de abordagem recorrentes. No primeiro tipo de abordagem, identificamos termos associados à necessidade de privação de liberdade motivada pela pandemia, como “quarentena” e/ou “isolamento social”, que não surgiam como sinônimos de proteção ou de cuidado com os riscos à saúde, mas como uma situação de tédio, de ócio, de oportunidade para desvios de ordem alimentar ou até mesmo para a “seleção natural”. Podemos constatar isso nos exemplares a seguir:

Figura 03 – Meme em que se mobiliza o termo “quarentena” associado ao tédio.



Fonte: <https://querobolsa.com.br/revista/tedio-na-quarentena-veja-os-memes-mais-criativos>. Acesso em: 18 nov. 2020.

Figura 04 – Meme em que se vincula o termo “quarentena” ao ganho de peso.

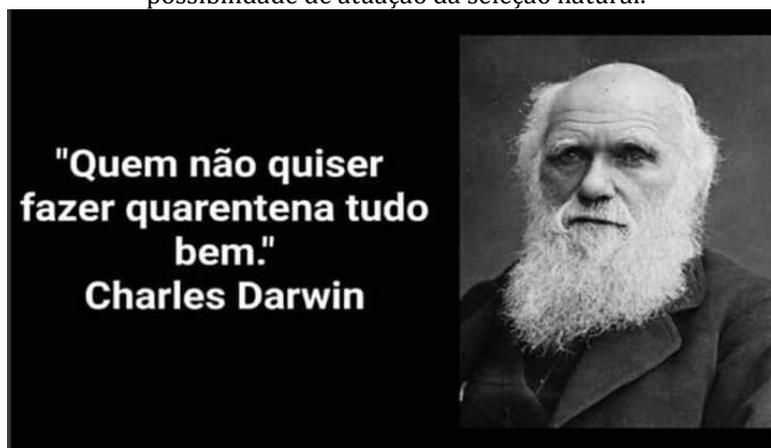
Tá só engordando nessa
quarentena, né minha filha?



Fonte:

<https://www.facebook.com/100413178180187/posts/141079074113597/>. Acesso em: 07 nov. 2020.

Figura 05 – Meme em que se vincula o termo “quarentena” à possibilidade de atuação da seleção natural.



Fonte:

<https://hashtag.blogfolha.uol.com.br/2020/04/02/memes-a-solta-aliviam-tensao-durante-pandemia-de-coronavirus/>. Acesso em: 07 nov. 2020.

Figura 06 – Meme em que se vincula o termo “quarentena” ao conflito entre a necessidade de isolamento social e a necessidade de trabalhar para manter a subsistência.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/612630355549235088/>.
Acesso em: 07 nov. 2020.

Nos quatro exemplares expostos, temos diferentes percepções sobre o que significaria a quarentena, isto é, o isolamento social. O meme da figura 03, a partir de uma paródia ao gênero diário, apresenta a quarentena como um momento de extremo tédio, a ponto de levar os sujeitos a práticas inúteis e incomuns de “lazer” para o preenchimento do “tempo vago”, como “lavar e tingir um caroço de manga”, sinalizado tanto no texto verbal, quanto no imagético, que serve, nesse caso, de ilustração.

Na figura 04, por sua vez, o meme se utiliza da figura pública do médico Drauzio Varella, amplamente conhecido no cenário midiático brasileiro devido à sua participação na produção e circulação de conteúdos voltados à saúde. Nesse meme, é parodiada uma das suas falas de maior repercussão midiática no ano de 2020: “solidão, né minha filha?”, viralizada após uma reportagem do programa Fantástico (da Rede Globo) sobre a população carcerária transsexual no Brasil, na qual Drauzio Varella profere a “frase viral”, diante da situação de isolamento de uma das detentas, que não recebia visitas há anos.

No contexto recriado pelo meme, a fala do médico foi realocada para enfatizar a influência do isolamento social sobre o ganho de peso (com ênfase para o público feminino – “filha”). Nesse sentido, tanto a fala específica de Drauzio Varella quanto o seu papel como médico são deslocados em favor da potencialização da comicidade pretendida pelo produtor do meme. O termo quarentena, nesse contexto, identifica-se com uma compreensão da pandemia como oportunidade para a prática da gula.

Já na figura 05, o termo quarentena aparece mais uma vez revestido de um novo sentido: agora, como uma “oportunidade” de atuação da seleção natural, isto é, de “evolução” da espécie humana. O meme explicita isso por meio da atribuição da frase “quem não quiser fazer quarentena tudo bem” – colocada entre aspas, indicando a reprodução de discurso direto – ao naturalista Charles Darwin (identificado tanto no texto verbal subsequente como no texto imagético). O cientista britânico foi o principal responsável pelo desenvolvimento da teoria da

evolução das espécies, segundo a qual, o meio ambiente atuaria na seleção de organismos que melhor se adaptassem a ele; tais organismos, conseqüentemente, teriam maiores chances de perpetuar geneticamente sua espécie. Por outro lado, nesse mesmo meio, as características genéticas desfavoráveis à sobrevivência dos organismos se tornariam menos comuns ou extintas. Assim, o meme deixa implícito, mediante sua paródia à teoria da evolução, que aqueles que não respeitassem a quarentena seriam “naturalmente extintos”, nesse caso pela Covid-19, trazendo “progresso genético à humanidade”, dado que as características genéticas dessas pessoas (com ressalva à desobediência às normas sanitárias) não teriam descendência.

Na figura 06, o termo quarentena agora surge como sinônimo de “encruzilhada”, de “confronto” entre as necessidades econômicas e sanitárias dos brasileiros. Para isso, por meio de texto imagético, o meme se apropria de uma das cenas da franquia de filmes *Velozes e Furiosos*, famosa devido à sua trama permeada de rivalidades, competições e cenas de ação que levam seus personagens a se envolverem em corridas alucinantes e perigosas. Na cena apropriada pelo meme, no entanto, os dois personagens mais famosos da franquia não estão envolvidos em nenhum conflito “eletrizante”; ao contrário, ambos estão sorrindo um para o outro, num momento de despedida/separação, visto que seguem caminhos distintos após uma bifurcação na rodovia.

Na verdade, a dramaticidade conferida à cena fica a cargo das legendas, que em associação com o texto imagético, resignificam o episódio do filme citado. No primeiro e segundo quadros, respectivamente, foram colocadas duas legendas sobre os rostos dos protagonistas: “brasileiro em quarentena” e “brasileiro que precisa trabalhar”, seguidas de outras duas legendas no terceiro quadro, cada uma destas, agora, identificando o caminho/o destino tomado pelos protagonistas na bifurcação: à esquerda, “passar fome”, tomado pelo “brasileiro em quarentena”; à direita, “pegar covid-19”, tomado pelo “brasileiro que precisa trabalhar”. Considerando, pois, o conteúdo e a forma do meme, podemos inferir uma sátira ao conflito enfrentado por muitos trabalhadores brasileiros ao longo da pandemia (sobretudo até a aprovação legal do auxílio financeiro emergencial pago pelo Estado), diante da dupla necessidade, nem sempre conciliável, de manterem a sua fonte de subsistência ao mesmo tempo em que se mantinham em quarentena.

O meme, embora com certo tom de exagero, denuncia justamente essa “encruzilhada” vivenciada por aqueles que não tinham nenhum tipo de socorro/salv guarda financeiro do poder público para permanecerem em isolamento, dado o “destino trágico” que os acometeria independentemente do caminho que escolhessem seguir: se desobedecessem a quarentena para trabalharem, poderiam manter alguma fonte de renda, mas estariam sujeitos à Covid-19 e às suas complicações, entre estas a morte. Por outro lado, se se mantivessem em isolamento, diminuiriam os riscos de contaminação, mas “passariam fome” devido à impossibilidade de trabalharem, o que deixa também implícita uma situação de risco à vida dos sujeitos, mesmo que se limitasse à perda em termos de qualidade de vida.

Além da menção ao modo como os brasileiros estariam enfrentando/percebendo a quarentena/o isolamento social, muitos memes abordaram a questão da higiene como conduta “frenética” que invadiu o dia a dia

dos brasileiros, forçando a sua adoção até mesmo por aqueles indivíduos mais resistentes às mudanças impostas pela pandemia. Geralmente isso se deu por meio da denúncia bem-humorada dos maus hábitos de higiene pessoal dos brasileiros ou do exagero cômico desses hábitos. Termos/expressões como “lavar as mãos” e “álcool em gel” se tornaram frequentes nos memes circulantes nas redes sociais:

Figura 07 – Meme no qual a expressão “lavar a mão” é associada ao excesso de cuidados de higiene demandado pela pandemia da Covid-19.

De tanto lavar a mão devido ao coronavírus, apareceu a cola que fiz na prova em 2001



Fonte:

<https://br.pinterest.com/pin/722194490233182008/>. Acesso: 25 nov. 2020.

Figura 08 – Meme em que se faz alusão à resistência do brasileiro ao uso do álcool em gel para a higienização das mãos.



Fonte:

<https://pt.memedroid.com/memes/tag/drake>. Acesso em: 25 nov. 2020.

Figura 09 – Meme em que se faz alusão ao termo álcool em gel como elemento de sedução amorosa.

CHEGA NO OUVIDO DELA E DIZ:



EU TENHO ÁLCOOL GEL

Fonte:

<https://www.facebook.com/memes-aceessiveis/posts/501839213838924/>. Acesso em: 25 nov. 2020.

Todos os memes apresentados se utilizam de texto verbal associado a um texto imagético que lhe serve como ilustração e reforço do conteúdo verbal. Na figura 07, o texto imagético ilustra a frase “De tanto lavar a mão devido ao coronavírus, apareceu a cola que fiz na prova em 2001”. Além disso, serve também como evidência/reforço da afirmação dada: a apresentação da palma de uma mão preenchida por rabiscos, que constituiriam a “cola trazida de volta” à superfície da mão, demonstraria o desgaste causado ao tecido epitelial pelo hábito constante de lavar as mãos. Verifica-se, pois, um exagero cômico marcado pela desconsideração intencional da nossa lógica de mundo, direcionado à sátira do hábito de se lavar as mãos como medida de prevenção à Covid-19.

Na figura 08, temos, no texto imagético, uma sucessão de posturas antagônicas diante do termo “álcool”, expressa pela linguagem corporal do personagem. Este, no primeiro quadro, adota uma postura de negação, recusa diante da frase “usar álcool gel para se proteger do Coronavírus”, na qual o termo álcool, devido à presença do adjetivo “gel”, indica o produto farmacológico usado para a higienização das mãos. No quadro seguinte, a linguagem corporal do personagem muda drasticamente, indicando aprovação, concordância diante da frase “Beber álcool para se proteger”, na qual o termo “álcool” está agora associado ao consumo de bebidas alcoólicas, embora isso não sirva como medida de prevenção ao coronavírus.

Inferire-se, portanto, uma crítica bem-humorada veiculada por meio do meme da figura 08, que poderia ser expressa da seguinte forma: o brasileiro negligencia o consumo do álcool na sua forma industrializada em gel, voltada aos cuidados da saúde, mas o consome com prazer quando presente em bebidas destiladas ou fermentadas, cujo maior atrativo é o seu teor alcoólico, ainda que isso traga mais malefício do que benefícios à saúde. Críticas de orientação semelhante a essa surgiram de modo regular, geralmente sob o tom de sátira, característica

predominante no gênero meme, embora sempre com particularidades em cada aparição concreta do gênero.

Na figura 09, o meme se constrói a partir de um episódio fictício no qual o termo “álcool gel” é revestido de um significado inusitado, e por isso mesmo cômico, relacionado à vida amorosa. A legenda superior do meme reproduz uma gíria muito comum entre os jovens no meio virtual para reproduzir “fórmulas”, “dicas de paquera” e conselhos para a vida amorosa – “chega no ouvido dela e diz”. A esta legenda, segue-se um texto imagético que lhe serve de ilustração: um homem junto a uma mulher, sussurrando algo aos ouvidos desta, num clima de “suspense” reforçado pelos tons preto e branco que predominam na coloração da cena.

A linguagem corporal e a expressão facial de ambos os personagens indicam um envolvimento emocional, íntimo, afetivo entre eles. Além disso, pode-se destacar a aparente reação de prazer da mulher (sobretudo na sua expressão facial) à palavra sussurrada em seu ouvido. O conteúdo do sussurro é prontamente relevado ao leitor na legenda seguinte, simulando o discurso direto do personagem masculino: “eu tenho álcool gel”. Assim, no meme, o “álcool gel” é tomado não como um elemento de combate e de prevenção à Covid-19 e de outras doenças infectocontagiosas, mas como um elemento de sedução, um fator de atração sexual e, portanto, de sucesso nas investidas amorosas.

Dessa forma, o meme reflete comicamente a valoração social construída em torno do “álcool gel” no contexto da pandemia. Quanto a isso, vale destacar que, no Brasil, especialmente nos primeiros meses de pandemia, houve uma busca frenética por esse bem de consumo, levando-o a uma supervalorização econômica que o alçou à categoria de “raridade”, tanto devido à dificuldade para obtê-lo nos estabelecimentos comerciais, quanto devido à súbita elevação do seu preço, bem além daquele habitualmente praticado antes da pandemia. Tudo isso fruto da alta procura do produto em razão da sua eficiência comprovada para a higienização das mãos. Tal conjuntura foi apropriada pelo meme e reorientada às suas finalidades discursivas específicas

Podemos, então, entender que os memes ora analisados são evidência de uma certa postura cômica de parte dos brasileiros diante da pandemia, tendo como consequência a ressignificação de vários termos e expressões que ganharam destaque nesse contexto, entre eles os associados ao isolamento social e à higienização das mãos, medidas que se tornaram rotineiras como parte dos procedimentos básicos necessários à prevenção da Covid-19. Vê-se, pois, como afirmado pelo Círculo, uma correlação dialógica entre o meio social e a língua. Os enunciados, portanto, tem sua forma, estilo e conteúdo temático ancorados nas práticas sociais na qual emergem, revelando dimensões da significação que estão para além do próprio sistema da língua. Dessa forma, os sujeitos, tendo em vista o seu interlocutor e as condições sócio-históricas da interação, atualizam constantemente os sentidos possíveis aos seus enunciados, renovando os repertórios da língua.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, a partir do estudo do significado social de alguns termos/expressões relacionados à pandemia da Covid-19 no Brasil, buscamos contribuir para a compreensão de que o universo dos signos ideológicos reflete e refrata a realidade (VOLÓCHINOV, 2018), isto é, que o significado/sentido mantém um vínculo necessário com o meio social. As palavras não “significam por si mesmas” nem são suficientes para a produção de sentidos. Os sujeitos, consciente ou inconscientemente, orientam seus enunciados levando em consideração aqueles a quem se dirigem e a própria situação de interação. Disso decorre o fato de que as análises desses enunciados (como gêneros do discurso) e das suas condições de produção podem lançar “luz sobre a relação da linguagem com a ideologia, e com a visão de mundo” (BAKHTIN, 2016, p. 16-17).

Assim, gêneros do discurso como o meme (gênero analisado aqui) funcionam como testemunhas da história e da configuração social de uma coletividade (BAKHTIN, 2016) – suas hierarquias, seus interesses, sua lógica de organização. A produção e a recepção de sentidos passam necessariamente pelas estruturas sociais. A significação, portanto, é de natureza social, pois sua análise atenta revela preconceitos, preferências, estereótipos, relações de poder etc. (PORTER, 1993a). Essa relação, contudo, foi relegada a um segundo plano pelos estudos da linguagem até meados do século XX – conforme tentamos esclarecer ao recuperar parte do curso de desenvolvimento metodológico da linguística histórica e sua influência sobre a Linguística moderna, até chegarmos à orientação metodológica adotada neste trabalho, a da História Social da Linguagem.

Partindo da perspectiva citada, tentamos evidenciar a interface sujeito-língua-sociedade, responsável pela instauração de sentidos localizados sócio-historicamente. Além disso, pautados na teoria dialógica do discurso, também buscamos explicitar como a noção de *gênero do discurso* pode ser instrumento produtivo de análise dessa interface, uma vez que os significados sociais analisados não podem ser dissociados do gênero no qual se materializaram – o meme. O gênero meme é revestido de uma valoração social específica, que orienta o uso dos elementos da língua pelos internautas.

Desse modo, cremos que a difusão em massa de memes abordando a temática da pandemia da Covid-19 constitui um exemplo da relação indissociável entre linguagem e sociedade. A opção massiva dos brasileiros pelos memes, como gênero de enunciado apropriado para se comentar as problemáticas em torno da pandemia, parece refletir a flexibilização da opinião pública em torno de alguns temas historicamente considerados tabus, como a doença e a morte. Se antes abordá-los comicamente poderia ser considerado ofensivo, no ambiente digital contemporâneo parece predominar o culto à liberdade individual de expressão em relação a esses temas, com ampla margem de tolerância. Todavia, não se pode afirmar que essa flexibilização seja generalizada, uma vez que enunciados de cunho racista e machista, por exemplo, perdem cada vez mais espaço nas redes. Isso, por sua vez, demonstra a complexidade dos fenômenos da língua em sua relação com o meio social.

Salientamos, ainda, que as análises aqui desenvolvidas não esgotam o tema deste trabalho, nem o poderiam fazer. Vários outros olhares sobre a pandemia, expressos por meio de memes nas redes sociais, não foram aqui contemplados devido ao nosso espaço limitado. Entre os temas recorrentes em memes

relacionados ao coronavírus, podemos citar as aglomerações como medidas irresponsáveis, mas “engraçadas”; os inconvenientes causados pela obrigatoriedade do uso de máscaras e de outros artifícios de proteção das vias respiratórias em ambientes públicos; o conflito entre a necessidade de redução do ritmo econômico e o agravamento da pobreza; a polêmica da (falta de) atitude do governo federal no enfrentamento da pandemia; e a xenofobia contra os chineses, sua cultura e indústria, sob a falsa alegação de que a Covid-19 seria de responsabilidade deles.

Creemos, assim, que o estudo desses e de outros temas que levem em conta a relação entre linguagem e sociedade podem contribuir para compreensão do funcionamento da dinâmica viva da comunicação verbal. No contexto específico da pandemia causada pelo coronavírus, tais estudos podem indicar uma mudança no comportamento social, mais negligente e inconsequente com relação a doenças infecciosas, apesar do fácil acesso à informação, talvez fruto de processos sociais mais amplos, como a perda crescente de prestígio social de instituições como o Estado, a Imprensa e a Academia.

Referências

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. **Coronavírus**. Brasil: 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/acessoainformacao/perguntasfrequentes/paf/coronavirus>. Acesso em: 10. nov. 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BURKE, Peter. Prólogo: comunidades e domínios. In: BURKE, Peter. **Linguagens e comunidades nos primórdios da Europa Moderna**. Tradução de Cristina Yamagami. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p. 17-30.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Covid-19**: perguntas e respostas – qual a origem desse novo coronavírus? Rio de Janeiro: 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/pergunta/qual-origem-desse-novo-coronavirus>. Acesso em: 10. nov. 2020.

GARRIOCH, David. Insultos verbais na Paris do século XVIII. In: BURKE, Peter; PORTER, Roy (Org.). **História social da linguagem**. Tradução de Álvaro Hattnher. São Paulo: Unesp, 1997. p. 121-140.

GUERRA, Christiane; BOTTA, Mariana Giacomini. O meme como gênero discursivo nativo do meio digital: principais características e análise preliminar. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 12, n. 3, p. 1859-1877, 21 set. 2018.

HYMES, Dell. Posfácio. *In*: BURKE, Peter; PORTER, Roy (Org.). **Linguagem, indivíduo e sociedade**: história social da linguagem. Tradução de Álvaro Luiz Hattner. São Paulo: Unesp, 1993. p. 431-453.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SUDESTE DE MINAS GERAIS. Juiz de Fora: 2020. **Pandemia de Covid-19**: Saiba o significado dos termos mais frequentes. Disponível em: <https://www.ifsudestemg.edu.br/noticias/reitoria/dicionario-da-covid-19>. Acesso em: 10. nov. 2020.

LARA, M. T. de A. O gênero “meme” em posts de blog educacional: lendo enunciados verbo-visuais com Bakhtin e o Círculo. **Letras em Revista**, Teresina, PI, v. 08, n. 01, p. 218-236, jan-jun. 2017

MARTELOTTA, M.E. Conceitos de gramática. *In*: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2016. p. 43-70.

MAURER JUNIOR, Theodoro Henrique. Linguística Histórica. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 11, p. 19-42, 1967.

PORTER, Roy. Introdução. *In*: BURKE, Peter; PORTER, Roy (Org.). **Linguagem, indivíduo e sociedade**: história social da linguagem. Tradução de Álvaro Luiz Hattner. São Paulo: Unesp, 1993a. p. 13-37.

PORTER, Roy. “Expressando sua enfermidade”: a linguagem da doença na Inglaterra georgiana. *In*: BURKE, Peter; PORTER, Roy (Org.). **Linguagem, indivíduo e sociedade**: história social da linguagem. Tradução de Álvaro Luiz Hattner. São Paulo: Unesp, 1993b. p. 365-394.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline P. Gênero discursivos: o que são? *In*: ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 15-51.

SILVA, R. V. M. “Ouvir o inaudível”. *In*: SILVA, R. V. M. **Caminhos da linguística histórica**: ouvir o inaudível. São Paulo: Parábola, 2008. p. 7-26.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 2. ed. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2018.

Para citar este artigo

SANTOS, R. K. da S.; LEITE, F. G. de F. A pandemia do coronavírus no Brasil: significado social e memes. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 5, 2021, p. 224-250.

Os autores

RUAN KELVIN DA SILVA SANTOS é graduado em Letras pela Universidade Regional do Cariri (2017). Aluno do curso de mestrado acadêmico em Letras (PPGL - URCA), na área de concentração de Linguagem e Cultura - linha de pesquisa Língua, Discurso e Identidades. Atualmente, desenvolve pesquisa no âmbito da Análise Dialógica do Discurso (ADD), vinculada ao Projeto de Pesquisa: Linguística do discurso, sob orientação do professor Dr. Francisco Gomes de Freitas Leite. Atua também como professor de linguagens na rede privada do ensino básico, no nível médio. Tem especial interesse nos fenômenos de produção e compreensão do discurso no ciberespaço. Ademais, interessa-se pela investigação do texto como materialidade, considerando a abordagem sociocognitivo-interacional de língua a partir de pressupostos da Linguística Textual.

FRANCISCO GOMES DE FREITAS LEITE é doutor em Linguística (PROLING/UEPB - 2014), mestre em Linguística (PROLING/UEPB - 2009), especialista em Ensino de Língua Portuguesa (URCA - 1999) e graduado em Letras (URCA - 1998). Concluiu estágio pós-doutoral junto ao PPGL-UFC (2015) na linha de pesquisa de Linguística Aplicada. Atualmente é professor adjunto J do Curso de Letras da Universidade Regional do Cariri-URCA e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (nível: mestrado) da mesma IES, pesquisador do Núcleo de Estudos de Teoria Linguística e Literária - NETLLI, editor-geral da Miguilim - Revista Eletrônica do Netlli (Qualis/Capes B2) e editor-adjunto da Macabéa - Revista Eletrônica do Netlli (Qualis/Capes B2). Docente orientador do núcleo de Língua portuguesa da Residência Pedagógica (URCA) na primeira edição, de agosto de 2018 a janeiro de 2020, e na segunda edição, a partir de outubro de 2020. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Linguística, Língua Portuguesa e Língua Latina, atuando principalmente nos seguintes temas: linguística histórica, história da língua portuguesa, poesia brasileira e teoria/análise dialógica do discurso.